



A importância do exame de preventivo para a prevenção do câncer de colo de útero e a problemática da baixa adesão do exame

Maria Carolina Santos Da Silva¹, Greicy Kelly Celestino dos Santos², Adenizia de Souza Ferreira³, Jully Anne de Souza⁴, Gabriella Kawana dos Santos⁵, Camila Monteiro Ferreira⁶, Flaviane Caetano de Almeida Moura⁷.

¹ Acadêmico do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil.
E-mail: maria.carol.santoss@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil.
E-mail: greicycelestino34@gmail.com

³ Acadêmico do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil.
E-mail: adeniziasouzaferreira@gmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil.
E-mail: jully_annesouza@gmail.com

⁵ Acadêmico do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil.
E-mail: gabriella_kawana@hotmail.com

⁶ Acadêmico do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil.
E-mail: camilamonteirof4@gmail.com

⁷ Docente do Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR – Ji-Paraná, RO, Brasil.

1. Introdução

O câncer de colo de útero é um dos tipos de câncer mais frequentes entre as mulheres e uma das principais causas de mortalidade feminina no Brasil. A região Norte, registra índices alarmantes de incidência e mortalidade dessa neoplasia (INCA, 2022). Esses índices estão diretamente relacionados ao baixo índice de realização do exame preventivo de Papanicolau. Este exame é crucial para a detecção precoce de lesões precursoras do câncer, bem como para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (Silva, et al, 2023).

Conforme Souza et al. (2023), o câncer de colo do útero é uma preocupação significativa de saúde pública no Brasil, especialmente na região Norte, onde as taxas de incidência e mortalidade são alarmantes. A realização do Papanicolau é essencial para a detecção precoce de lesões precursoras e a prevenção do câncer, além de ajudar na identificação de doenças sexualmente transmissíveis que podem aumentar o risco de câncer cervical. Investir em programas de educação e acesso ao exame é crucial para reduzir a mortalidade

Mediante ao contexto apresentado, é importante a preocupação com a seguinte questão: Quais as consequências do baixo índice de realização do exame preventivo? Fundamentando-se nessa problemática, a expectativa é que o exame preventivo ou Papanicolau é realizado para prevenir o câncer de colo de útero e doenças sexualmente transmissíveis. Por isso, o baixo índice da realização do exame resulta na descoberta da doença em estado grave com alta chance de mortalidade ou perda do órgão.

Com base nos dados do INCA (2022), os casos de câncer de colo de útero e doenças sexualmente transmissíveis são recorrentes devido aos baixos índices da adesão do exame preventivo, por isso é preciso desenvolver campanhas de conscientização sobre a importância da realização anual do exame para que haja maior aceitação do público alvo.

Diante dos pressupostos apresentados acima, o objetivo desse estudo é realizar um levantamento das causas que levam a população aos baixos índices de realização do exame de preventivo.

2. Materiais e métodos

A pesquisa realizada trata-se de um estudo exploratório secundário com informações oficiais e disponíveis na internet, com a finalidade de divulgar a relação dos baixos índices de exames preventivos realizados com casos de câncer de colo de útero e doenças sexualmente transmissíveis.

O embasamento teórico do estudo, foi realizado a partir de busca nas bases de dados das plataformas online do Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Câncer (INCA), Secretaria Municipal de Saúde (SEMUSA), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scielo e Univisa.

Os critérios de busca foram mulheres de 24 a 64 anos nos últimos cinco anos, no Brasil. Os materiais relevantes foram selecionados, lidos e anotados para extração de dados pertinentes com o objetivo de avaliar a eficácia, diretrizes e a cobertura do exame preventivo nesta população.

3. Resultados e Discussões

O câncer de colo de útero é uma das formas mais prevalentes de câncer entre as mulheres, ocupando o quarto lugar no mundo e o segundo no Brasil, segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2022). A principal causa desse tipo de câncer é a infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV), que pode ser transmitida por meio de contato sexual. Entre os diversos tipos de HPV, alguns são considerados de alto risco, sendo responsáveis por causar alterações nas células do colo do útero, que podem evoluir para o câncer se não forem tratados. A infecção pelo HPV é bastante comum, mas a progressão para o câncer ocorre em uma pequena parcela de mulheres, sendo diretamente influenciada por fatores de risco individuais (ONCOGUIA, 2020).

O exame preventivo, amplamente conhecido como Papanicolau, é uma ferramenta crucial na detecção precoce de alterações no colo do útero. Consistindo na coleta de células do colo do útero para análise laboratorial, esse exame permite identificar células anormais que evoluem para o câncer. A detecção precoce é fundamental, pois possibilita o tratamento antes que o câncer se desenvolva em estágios mais avançados, quando o tratamento se torna mais complexo e menos eficaz (Silva, et al, 2023). A recomendação é que mulheres com vida sexual ativa iniciem a realização do exame a partir dos 25 anos e o repitam regularmente para garantir o monitoramento contínuo (AGUILAR, R. P.; SOARES, D. A, 2015)

No Brasil, estima-se que entre 2023-2025 haverá 17.010 novos casos de câncer de colo de útero, isso significa que a cada 100 mil mulheres cerca de 15,38 serão acometidas pela neoplasia (INCA, 2023).

Também é necessário que se entenda que existe muitos fatores de risco para o câncer de colo de útero, como a genética, comportamento sexual, tabagismo, multiparidade, uso de contraceptivos orais e até mesmo a idade (INCA, 2022).

Segundo o Ministério da Saúde, esses números alarmantes podem ser evitados através da vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV) e a adoção de exames preventivos, com uma redução de até 90% da incidência do câncer, entretanto essa ainda não é a realidade já que não há uma boa adesão entre a população feminina, revelando que o rastreamento é menor entre mulheres com baixa escolaridade, pardas e negras (Ministério da Saúde, 2023).

Existem outros motivos que levam a população feminina a baixa adesão do preventivo, como o medo e receio da exposição com o seu corpo, já que o exame é considerado desconfortável e até mesmo dolorido. Também é possível encontrar relatos da dificuldade quanto marcar o exame e o cansaço que leva a não dar prioridade a manter a rotina de exames em dia (LIMA, 2021).

Mediante de todos esses fatores apresentados a cima, a procura para o exame citopatológico é feita na maioria das vezes quando já existe um fator agravante e aparente,

como dores abdominais, menstruação irregular, sangramento após relação sexual, esses sintomas caracterizam busca tardia, por isso a importância do conhecimento sobre a importância do exame (SOARES, 2016).

Um bom prognóstico garante alto potencial de cura, já que quanto mais cedo for detectado o câncer, mais chances há de cura através do tratamento. Por isso é tão importante a conscientização da população quanto a importância da realização regular do preventivo, que deve ser realizado anualmente (BRASIL, 2022).

Importante ressaltar que os serviços básicos de saúde exercem um papel primordial para que haja uma crescente nas taxas da realização dos exames, os enfermeiros estão na linha de frente quando se trata desse assunto, já que os mesmos têm uma relação mais próxima a população na atenção básica, tendo como atribuição conhecer a população a quem atende (SOUZA, 2017).

Ainda segundo Souza (2017), existem também casos de mulheres que realizam o exame e não retornam para buscar o resultado e passar novamente pela consulta, o que torna a problemática uma questão de saúde pública. Por isso é necessário reforçar a relevância de ações educativas para a população feminina, para que haja uma boa adesão e um rastreamento considerado satisfatório e melhores taxas de sucesso do tratamento.

4. Considerações finais

A baixa adesão ao exame preventivo é um fator crítico que contribui para o aumento da incidência e mortalidade do câncer de colo de útero. Embora tenha avanços nos métodos de detecção precoce e no tratamento, há diversas ocorrências de câncer de colo de útero diagnosticadas em estágios avançados. A adesão insuficiente pode ser atribuída a uma combinação de fatores, incluindo falta de informação, medo, estigmatização e logística.

A integração do exame preventivo com a triagem para o HPV potencializa a qualidade do rastreamento, oferecendo uma abordagem completa para a prevenção do câncer. Para combater esse desafio é de suma importância implementar estratégias eficazes de educação continuada em saúde, melhorar o acesso ao exame de modo que incentivem a busca regular ao exame. A promoção de programas de rastreamento e a conscientização sobre a importância do exame de Papanicolau são primordiais para reduzir a incidência e a mortalidade associadas ao câncer de colo de útero, garantindo uma detecção precoce e tratamentos eficientes.

5. Referências

AGUILAR, R. P.; SOARES, D. A. Barreiras à realização do exame Papanicolau: perspectivas de usuárias e profissionais da Estratégia de Saúde da Família da cidade de Vitória da Conquista-BA. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 25, n. 2, p. 359–379, abr. 2015. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (INCA). Dados e números: Incidência. Brasília, DF, 26 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controle-do-cancer-do-colo-do-utero/dados-e-numeros/incidencia>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Rondônia deve ter 450 novos casos de câncer do colo do útero até 2026. Brasília: MS, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias-para-os-estados/rondonia/2023/marco/rondonia-deve-ter-450-novos-casos-de-cancer-do-colo-do-utero-ate-2026>. Acesso em: 09 de setembro de 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Estimativa 2023: incidência do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros/estimativa/sintese-de-resultados-e-comentarios>. Acesso em: 09 setembro 2024.

LIMA, D. S. et al. Impacto da pandemia da COVID-19 na assistência ao câncer de colo do útero: uma revisão integrativa. *Interdisciplinar em Saúde*, v. 29, n. 1, p. 1-13, 2021.

Disponível em:

https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_29/Trabalho_26_2021.pdf. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

ONCOGUIA. Fatores de risco para câncer de colo do útero. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.oncoguia.org.br/conteudo/fatores-de-risco-para-cancer-de-colo-do-uterio/10915/1124/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

SEMUSA. Alerta: Porto Velho registra baixa adesão ao exame preventivo do câncer do colo do útero. Porto Velho, RO, 10 de maio de 2024. Disponível em:

<https://semusa.portovelho.ro.gov.br/artigo/39096/alerta-porto-velho-registra-baixa-adesao-ao-exame-preventivo-do-cancer-do-colo-do-uterio> . Acesso em: 12 de setembro de 2024.

Silva, et al. Exame de Papanicolaou no Brasil: análise da Pesquisa Nacional de Saúde em 2013 e 2019. *Rev Saude Publica*. 2023;57:55. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004798>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

SOARES, D. A.; SILVA, G. M. da; FREITAS, C. M. de; SOARES, J. P. O acesso à saúde da mulher em situação de rua: um estudo de caso em Fortaleza, Ceará, Brasil. *Revista de Enfermagem do Nordeste*, v. 22, n. 1, p. 211-219, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/2745>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

SOUZA, L. S. de; COSTA, M. A. da; OLIVEIRA, J. G. de; SANTOS, J. C. dos; SILVA, A. M. da. A importância do exame preventivo para a detecção precoce do câncer de colo uterino. *Acervo Mais*, v. 11, n. 2, p. 272-276, 2017. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/6472/4397>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.